



RECALCULANDO A ROÇA NA (DES)FRAGMENTAÇÃO GLOBAL PRODUTIVA

26 a 29 de novembro de 2025

O efeito da financeirização sobre a política de crédito do BNDES na estrutura produtiva da Bahia: desigualdades regionais e limites do desenvolvimento no contexto neoliberal

The effect of financialization on BNDES's credit policy in Bahia's productive structure: regional inequalities, and development limits in the neoliberal context

Luiza Souza Brandão

Graduanda em Ciências Econômicas pela Universidade Federal da Bahia, Brasil.

E-mail: luizabrandao66@gmail.com

Kaiza Correia da Silva Oliveira

Doutora em Economia pela Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano do Departamentos de Economia e Departamento de Relações Internacionais, Brasil.

E-mail: kaizacorreia@outlookl.com

1 INTRODUÇÃO

A consolidação do modelo desenvolvimentista no Brasil, articulada à ascensão mundial do Estado de bem-estar keynesiano, deveu-se à atuação estatal tanto no planejamento quanto na execução de atividades econômicas, a partir da criação de instituições como Bancos Nacionais, Institutos, Legislação e empresas públicas - dentre elas, o BNDES - que viabilizaram investimentos responsáveis por impulsionar o processo de industrialização. Na Bahia, esse estímulo refletiu-se na transformação da estrutura produtiva agroexportadora do estado, para uma integração à matriz industrial brasileira através do suprimento de produtos intermediários - principalmente petroquímicos - para os setores de bens finais localizados no eixo Sul-Sudeste (Guerra; Teixeira, 2000, p. 90).

Com a expansão da lógica neoliberal no Brasil, a atuação do Estado na esfera econômica, fundamental para o desenvolvimento regional, foi enfraquecida e resultou no abandono da política estrutural de longo prazo. No âmbito da atuação do BNDES, a dinâmica da financeirização se traduziu em uma expressiva centralização geográfica dos investimentos, o que beneficiou as localidades com maior capacidade de captação de recursos privados e de endividamento. Nesse sentido, estados como a Bahia, que ainda não haviam alcançado sua maturidade econômica e dependiam de investimentos estratégicos de integração produtiva, foram especialmente afetados pelas restrições impostas pela financeirização.

Pressupõe-se, então, que essa desarticulação do desenvolvimento econômico em virtude do capital financeiro, ao perpetuar a condição heterônoma de produção no território, criou espaços privilegiados de acumulação, que reforçam assimetrias históricas. Dessa forma, o objetivo central deste trabalho é discutir se a reorientação da atuação do BNDES, alinhada à lógica financeira, contribuiu para aprofundar a desindustrialização da Bahia e ampliar a centralização geográfica dos recursos. Especificamente, busca-se analisar o papel do Banco enquanto mecanismo de concentração de capital que reproduz desigualdades setoriais e territoriais nos investimentos. Para isso, o estudo tem como método a análise descritiva e estatística da distribuição dos investimentos do BNDES setorial e espacialmente, de 1995 a 2024, para examinar a concentração industrial e as desigualdades regionais no Brasil.



RECALCULANDO A ROÇA NA (DES)FRAGMENTAÇÃO GLOBAL PRODUTIVA

26 a 29 de novembro de 2025

2 METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem quantitativa de caráter descritivo, fundamentada em dados secundários obtidos no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), disponíveis no Painel de Desembolsos do portal institucional (<https://www.bndes.gov.br>). Foram considerados os desembolsos realizados entre 1995 e 2024, organizados e classificados segundo diferentes relações de proporção entre regiões e setores, permitindo avaliar a concentração e a distribuição dos investimentos. Essa estrutura permitiu analisar não apenas a distribuição espacial e setorial dos investimentos, mas também a concentração regional, as desigualdades territoriais e o papel do BNDES como agente de fomento ou de centralização de capital.

A análise baseia-se em estatísticas descritivas, por meio do cálculo de proporções, médias e participações relativas, permitindo identificar padrões de concentração, desigualdades territoriais e o papel do BNDES enquanto agente de fomento ou centralização de capital no contexto do desenvolvimento econômico brasileiro.

O cálculo da proporção dos desembolsos do BNDES destinados ao setor industrial em cada região foi realizado em relação ao total de desembolsos nacionais do Banco, permitindo mensurar a participação relativa regional do setor industrial no conjunto dos investimentos realizados pelo BNDES no período analisado.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 A trajetória da política de industrialização na Bahia

Apesar da presença de núcleos industriais desde o século XVI, a industrialização baiana permaneceu limitada ao beneficiamento de cacau, engenhos açucareiros e manufaturas têxteis (Spínola, 2009). Até a década de 1950, a Bahia permaneceu à margem dos principais projetos de desenvolvimento nacional, participando de forma limitada dos programas de substituição de importações e sem apresentar dinamismo capaz de romper sua estagnação econômica. Entre 1950 e 1960, manifestaram-se os efeitos de uma política econômica mais estruturada, com a criação da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e do Banco do Nordeste do Brasil (BNB). No entanto, o arranjo industrial que surgiu estava centrado nas indústrias tradicionais vinculadas à base agrário-exportadora do estado, com uma baixa renovação tecnológica e limitada capacidade de expansão (Spínola, 2004, p. 94).

O segundo período do processo de industrialização da Bahia, entre os anos 1960 e 1980, expressou uma transformação na estrutura econômica do estado, que elevou a participação do setor secundário, em função do crescimento das indústrias produtoras de bens intermediários. Para viabilizar esse desenvolvimento, o apoio estatal foi imprescindível e materializou-se num conjunto articulado de ações que incluíram: i) construção dos distritos industriais - especialmente o CIA e Copec na RMS; ii) transferência de recursos federais através do BNDE e outras instituições; iii) disponibilidade de financiamento público preferencial e iv) integração dos projetos do estado aos do governo federal (Spínola, 2004, p. 95). Esse momento representou o auge da expansão industrial do estado, impulsionada pelo estabelecimento das indústrias de transformação, cuja contribuição para o valor bruto da produção cresceu de 43% em 1959 para 80% na década de 1980, destacando-se especialmente os setores químico e petroquímico (Spínola, 2004, p. 95).



RECALCULANDO A ROÇA NA (DES)FRAGMENTAÇÃO GLOBAL PRODUTIVA

26 a 29 de novembro de 2025

Essa dinâmica industrial da Bahia, através de pólos de desenvolvimento, significou uma concentração setorial e espacial de sua configuração produtiva em torno da RMS, visto que o crescimento foi desproporcional entre as mesorregiões (Santos et al., 2025, p. 64). Tal centralização não foi capaz de nivelar o progresso técnico em todas as porções do território, e acabou por criar núcleos de canalização do capital em nível local, os quais se aliam às assimetrias históricas em nível nacional.

3.2 Neoliberalismo, financeirização e o papel do BNDES

A situação internacional que o Brasil enfrentou na década de 1980 impôs uma redefinição do papel do Estado na atividade produtiva, que significou o abandono do Modelo de Substituição das Importações em favor de uma ordem neoliberal de redução do intervencionismo estatal (Filgueiras, 2006). Nesse sentido, o abandono das políticas estruturais de longo prazo foi agravado, e acabou por concentrar recursos nas grandes empresas e nas regiões mais abastadas do país. Intensificou-se, dessa maneira, o movimento da financeirização, que submeteu a política econômica nacional às exigências dos credores e transformou as formas de gestão do capital produtivo para atender às exigências do capital financeiro. Esse período representou, para as regiões menos favorecidas e ainda dependentes do auxílio federal para transformação de sua realidade, o risco de uma involução industrial, em razão de sua reduzida capacidade de atração de capitais em relação ao Centro-Sul (Pessoti; Pessoti, 2010, p. 37).

A subordinação do Estado ao discurso neoliberal teve, no Brasil, o BNDES como um de seus principais agentes, tornando-o responsável pelo movimento de centralização de capitais e desnacionalização da economia brasileira, através de processos de abertura comercial e privatizações (Filgueiras, 2006, p. 194). A atuação do Banco, dessa maneira, foi completamente redefinida e, diante da inexistência de uma política industrial, semelhante àquela estabelecida no período desenvolvimentista, suas prioridades passaram a se concentrar na avaliação de risco e rentabilidade na concessão de financiamentos, com foco na eficiência e na geração de lucros (Mascarenhas; Menezes, 2020, p. 472). A reorientação da lógica dos investimentos do BNDES significou, para os estados como a Bahia - menos favorecidos no cenário econômico brasileiro e ainda dependentes da atuação do Estado enquanto agente fomentador do desenvolvimento - um fortalecimento das condições históricas de assimetrias regionais.

Esse modelo de desenvolvimento, fortemente influenciado pelo Consenso de Washington e pela política do Estado mínimo, consolidou-se no governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), quando a atuação estatal se absteve das políticas industriais e regionais. Conforme observam Mascarenhas e Menezes (2020, p. 471), houve uma substituição das proposições constitucionais voltadas à construção de um Estado Social por uma perspectiva de Estado meramente regulador, marcada pela redução da capacidade de intervenção decorrente das privatizações. Nesse contexto, o BNDES passou a atuar de forma alinhada à racionalidade financeira na maneira que redefiniu seus critérios de concessão de crédito e alterou o padrão histórico de sua atuação.

Em nível nacional, percebe-se, a partir do Gráfico 1, uma desarticulação dos investimentos voltados ao capital produtivo, evidenciando uma perda da centralidade do setor industrial na estratégia de desenvolvimento do Brasil. Essa transformação estrutural resultante do desmonte do Modelo de Substituição das Importações, reforçou o processo de desindustrialização em razão da ausência de uma política industrial efetiva para a expansão das potencialidades da economia (Maia; Leite, 2024). Entre 1995 e 2010, os financiamentos do BNDES no setor industrial apresentaram uma mediana de 45,86%, evidenciando a posição ainda relevante do Banco como fomentador da atividade econômica. Entretanto, essa participação foi alterada entre 2011 e 2024, apresentando uma redução significativa

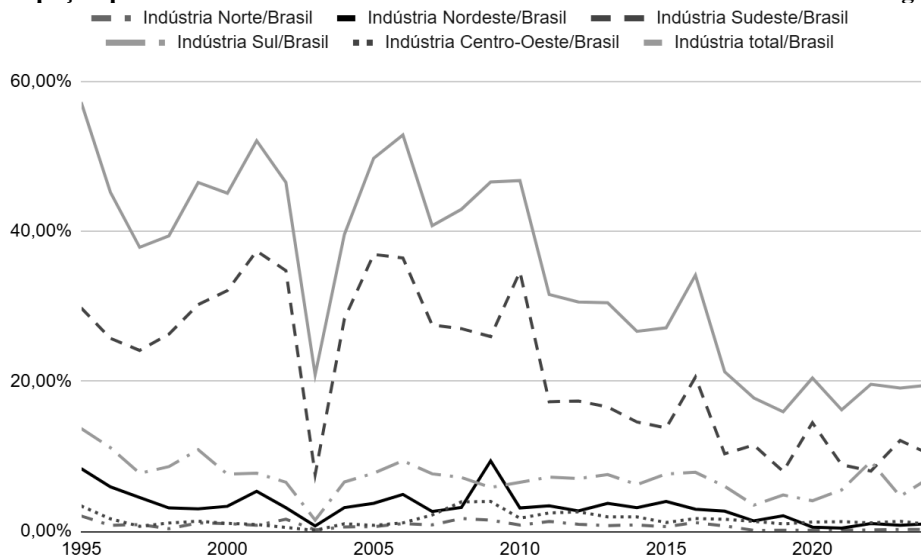


RECALCULANDO A ROÇA NA (DES)FRAGMENTAÇÃO GLOBAL PRODUTIVA

26 a 29 de novembro de 2025

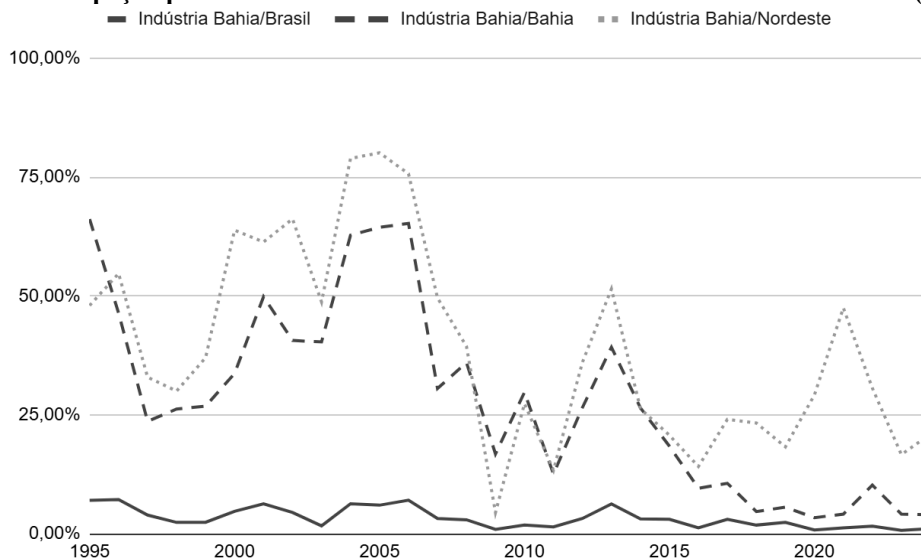
para 20,85%. A análise regional, por sua vez, revela uma acentuada concentração dos desembolsos nas regiões Sul e, sobretudo, Sudeste, que se mantêm como os principais destinos dos recursos industriais do BNDES ao longo de todo período analisado. Essa distribuição reproduz e aprofunda o padrão de concentração econômica e produtiva do país, evidenciando a persistência das desigualdades estruturais entre as regiões, as quais não foram superadas pelo impulso desenvolvimentista.

Gráfico 1 - Participação percentual dos desembolsos do BNDES no setor industrial: Brasil e regiões (1995–2024)



Fonte: Transparência BNDES (Elaboração Própria)

Gráfico 2 - Participação percentual dos desembolsos do BNDES no setor industrial: Bahia (1995–2024)



Fonte: Transparência BNDES (Elaboração Própria)

Para a Bahia, a contração dos investimentos do BNDES no setor industrial foi ainda mais expressiva, e refletiu uma redução proporcionalmente ainda maior do que a observada em nível nacional, contribuindo assim para a vulnerabilidade resultante da desestruturação das cadeias produtivas. O Gráfico 2 revela que o estado perdeu participação nos investimentos em relação ao Brasil, cuja mediana dos desembolsos caiu de 4,17% para 1,69%. Em relação ao Nordeste, a queda foi bastante acentuada, passando de 49,15% para 23,65%, demonstrando não apenas uma redução



RECALCULANDO A ROÇA NA (DES)FRAGMENTAÇÃO GLOBAL PRODUTIVA

26 a 29 de novembro de 2025

relativa, mas também uma perda de protagonismo regional no acesso a financiamentos estratégicos para o setor industrial.

Por fim, o BNDES foi reestruturado para se alinhar à política econômica neoliberal, e às demandas do capital financeiro, perdendo sua atribuição primeira de agente catalisador do desenvolvimento da economia brasileira, passando a atuar enquanto uma instituição voltada para a eficiência de mercado, e com menor envolvimento em projetos estratégicos de longo prazo voltados ao desenvolvimento industrial e atenuação das desigualdades regionais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período desenvolvimentista foi responsável por um grande crescimento do setor industrial no Brasil, e contou com o fundamental apoio do Estado para a consolidação dessa política econômica. No entanto, com o advento do neoliberalismo, essa orientação logo se inverteu, e as instituições estatais de fomento, como o BNDES, perderam a centralidade em sua atuação, e voltaram-se para critérios de eficiência e geração de lucros em seus investimentos.

Destaca-se, ainda, que esse processo não afeta as regiões de maneira homogênea, e cria espaços privilegiados para o acúmulo de capital, seguindo a lógica financeira, visto que a dinamização industrial se deu de maneira concentrada no eixo Sul-Sudeste. No caso da Bahia, percebe-se que os investimentos no capital produtivo reduziram-se drasticamente, o que acabou por desarticular a política de desenvolvimento na região e reforçar a dinâmica de dependência do estado.

Portanto, longe de promover uma política de propagação de progresso e nivelamento entre os territórios, o direcionamento dos investimentos do BNDES apresenta uma lógica que acaba por intensificar um processo de acumulação que reforça assimetrias espaciais históricas.

REFERÊNCIAS

BNDES. Banco Nacional do Desenvolvimento. **Estatísticas Operacionais do Sistema BNDES**.

Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/transparencia/estatisticas-desempenho>.

Acesso em: 19 de out. 2025.

FILGUEIRAS, Luiz. O neoliberalismo no Brasil: estrutura, dinâmica e ajuste do modelo econômico. In: BASUALDO, Eduardo M.; ARCEO, Enrique (orgs.). Neoliberalismo y sectores dominantes: tendencias globales y experiencias nacionales. Buenos Aires: **Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales**, 2006. Disponível em: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/handle/CLACSO/12088>. Acesso em: 20 out. 2025.

MAIA, Cinthia Costa; LEITE, Karla Vanessa da Silva. A DESINDUSTRIALIZAÇÃO BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DOS DESEMBOLSOS DO BNDES PARA O PERÍODO 1950-2023.. In: **Anais do XVII Encontro da Associação Keynesiana Brasileira**. Anais...Maceió(AL) FEAC-UFAL, 2024. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/akb2024/889713-A-DESINDUSTRIALIZACAO-BRASILEIRA--UMA-ANALISE-DOS-DESEMBOLSOS-DO-BNDES-PARA-O-PERODO-1950-2023>. Acesso em: 23/10/2025

MASCARENHAS, Albérico Machado. A atividade de fomento na Bahia: uma retrospectiva dos últimos 50 anos. In: CONSELHO REGIONAL DE ECONOMIA-BA. **Reflexões de economistas baianos**. Salvador: CORECON, 2001, p. 62-77.



RECALCULANDO A ROÇA NA (DES)FRAGMENTAÇÃO GLOBAL PRODUTIVA

26 a 29 de novembro de 2025

MASCARENHAS, Fábio Sampaio; MENEZES, Daniel Francisco Nagao. Financeirização, acumulação por espoliação e desigualdades sociais e regionais: a concentração de investimentos do BNDES no governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002). **Direitos Fundamentais & Justiça**, Belo Horizonte, ano 14, n. 42, p. 455-484, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://dfj.emnuvens.com.br/dfj/article/view/739/982>. Acesso em: 20 out. 2025.

PESSOTI, Bruno Casseb; PESSOTI, Gustavo Casseb. A economia baiana e o desenvolvimento industrial: uma análise do período 1978-2010. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, v. 13, n. 22, dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/1514/1199>. Acesso em: 18 out. 2025.

SANTOS, Jucicarla Cerqueira dos; SANTOS, Verônica Ferreira Silva dos; SILVA, Gesner Brehmer de Araújo. Industrialização e desenvolvimento econômico: um estudo de caso no Recôncavo baiano no século XXI. **Bahia Análise & Dados**, Salvador, v. 35, n. 1, p. 63-86, jan.-jun. 2025. Disponível em: https://www.ba.gov.br/sei/sites/site-sei/files/2025-08/BA_D_v35_n1_Perspectivas_para_o_desenvolvimento_do_Nordeste_WEB_1.pdf. Acesso em: 20 out. 2025.

SPÍNOLA, Noelio. A Economia Baiana: Os Condicionantes da Dependência. Bahia. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, ano VI, n. 10, 2004. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/issue/view/10>. Acesso em 17 out. 2025.

SPÍNOLA, Noelio. **A trilha perdida**: caminhos e descaminhos do desenvolvimento baiano no século XX. Salvador: UNIFACS, 2009.

TEIXEIRA, Francisco; GUERRA, Oswaldo. 50 anos da industrialização baiana: do enigma a uma dinâmica exógena e espasmódica. **Revista Bahia Análise & Dados**, Salvador, v. 10, n. 1, p. 87-98, jun. 2000. Disponível em: https://www.ba.gov.br/sei/sites/site-sei/files/migracao_2024/arquivos/images/publicacoes/download/aed/leiturasbahia_2.pdf. Acesso em 18 out. 2025.